

Com a polícia italiana e brasileira reavendo acervos de milhões de euros e investigadores franceses na cola do mandante do megassalto em Paris, parceria entre Alper Seguros e Enchanter mostra como funciona a engenharia de proteção "prego a prego" e o direito de recompra.

As recentes operações policiais que resultaram na recuperação de quadros de Cézanne, Matisse e Renoir em Parma, na Itália, e na localização de obras em São Paulo – além das investigações em Paris que avançam sobre o mandante do audacioso roubo de joias no Louvre – voltaram a colocar o mercado de arte no centro dos holofotes mundiais. A rápida resposta das autoridades acende o debate: afinal, após o susto do roubo e o alívio da recuperação, como funciona a complexa engenharia de proteção para salvaguardar o que é considerado "inestimável"?

Diferente de um seguro residencial ou de automóveis, o seguro de obras de arte é uma operação de alta precisão que mistura perícia técnica, análise de risco e investigação internacional. Informações colhidas por meio da parceria da Alper Seguros com a Enchanter – empresa especialista fundada por Priscilla Magni e Beatriz Americano – revelam que a proteção começa muito antes da obra ser pendurada na parede.

Desafio do valor: como precificar o que não tem preço?

O maior desafio para as seguradoras é a subjetividade. Quando uma obra nunca foi a leilão ou é uma peça permanente de um grande museu, o mercado utiliza o chamado "Círculo de Influência".

“A precificação segue critérios de valoração por especialistas, já que não existe um 'preço de prateleira'. Analisamos vendas recentes de obras do mesmo artista, período e técnica. Se o artista nunca vendeu, buscamos o Benchmark. O fato de uma obra estar em um grande museu já agrega valor histórico que valida sua importância”, explica a co-fundadora da Enchanter, Priscilla Magni.

Segurança de elite: o segredo do "Prego a Prego"

Para que uma galeria ou colecionador consiga uma apólice, as exigências são rigorosas. Não basta um alarme comum; é necessário monitoramento 24h com redundância, CFTV de alta resolução e sistemas de combate a incêndio que não utilizem água para não danificar o acervo.

As apólices costumam ser do tipo All Risks, cobrindo desde o “furto qualificado” até danos acidentais durante o transporte – o chamado seguro "prego a prego", que protege a peça desde o momento em que sai da parede de origem até a fixação no destino.

Roubaram. E agora?

Ao contrário do que mostram os filmes de Hollywood, o primeiro passo da seguradora após um roubo não é apenas pagar a conta, mas tornar a obra “invendável”.

“O primeiro passo crucial é o Alerta de Mercado e Contenção de Danos. Registramos o roubo em bases globais para travar qualquer tentativa de comercialização. Trabalhamos com investigadores especializados, verdadeiros 'detetives de arte', para rastrear rotas de escoamento”, afirma a sócia da Enchanter.

E se a obra for recuperada tempos depois – como no recente caso em Parma e SP? Segundo Priscilla, em casos de peças particulares, após o pagamento da indenização, a obra passa a pertencer à seguradora. Contudo, é oferecido ao colecionador o "Direito de Recompra", permitindo que ele devolva o valor indenizado e recupere o item, preservando o valor afetivo do acervo.

Inimigo oculto

Embora os roubos efetuados por grandes quadrilhas ganhem as manchetes mundiais, Priscilla alerta que o verdadeiro inimigo da arte costuma ser silencioso e diário. Danos por manuseio

indevido, umidade e pragas são os riscos mais frequentes no mercado.

“Danos durante o transporte são o risco número um. Para que o cliente fique tranquilo, é vital ser assessorado por especialistas que avaliem desde a climatização até os prestadores de serviço de limpeza. O seguro é um contrato de boa-fé: se a informação sobre a segurança não for fidedigna, a indenização pode ser perdida por agravamento de risco”, concluem as especialistas.

Fonte: Alper/FSB, em 17.08.2026.